

O homem da consciência

Explicita na Terra do Sim.

Guto Lacaz é o artista das entrelinhas, do silêncio entre as palavras, da sutileza, da fimbria, do entendimento sub-reptício. É o homem que expressa certa delicadeza de alma, certo meio-tom. E, no entanto, nunca estamos no alvorecer ou no pôr do sol, aurora ou poente, Alba ou ocaso, mas em pleno dia, na luz ofuscante do dia. A inteligência de seu trabalho se beneficia da clareza. O mistério não está, neste caso, na obscuridade, mas no sentido oculto de cada aparência, Guto Lacaz é o homem do propósito, da intenção, da obra com norte.

Guto Lacaz é um poeta que faz o jogo mais perigoso para um artista, pois ele elabora com o indefinido, com a fronteira, a quase extremidade, o em trânsito, a névoa, a bruma, o silêncio, a pausa, o interstício.

É um romântico dotado de uma impecável lógica interna. Uma vez iniciado o seu raciocínio ele é inexorável no seu desenvolvimento. Mas é sempre a viagem do nauta solitário no mar revolto convicto de que é melhor a navegação do que encontrar terra firme e nova. É provável que na maioria das vezes nem creia muito no mundo novo tal é o seu prazer em preparar a viagem, consertar o barco, e colecionar mapas antigos e contemporâneos. Ao lado do atual aparelho de GPS o misterioso mapa medieval de Pires Reis resumo de resíduos cartográficos mais antigos ainda.

Mas Guto Lacaz tem um acentuado aspecto do humorista nato, aquele que diz a sua graça, nos mostra o sentido oculto das

coisas, a ironia mais fina, sem rir, sério e absorto. O que acentua o humor.

A cada vez, em cada trabalho, tudo está em jogo novamente. É sempre a primeira vez. O salto é sempre mortal. O perigo que Guto Lacaz corre é o da insignificância, da monotonia, da tolice, da mendacidade. Ele pode se tornar o bobo da aldeia. Mas a vitória sobre si mesmo e a simplicidade o tornou o sábio da montanha.

O enigma deste artista que trabalha entre a alva e o crepúsculo, um homem da consciência explícita, consiste em que tudo está indiciado e indicado no seu trabalho, nada está mascarado e, no entanto, a obra se desdobra em novos significados a cada vez que é observada. Ela se revela, mas não se desvela. Ela não se esgota no primeiro contato. Guto Lacaz tem na sua obra e no seu permanente desempenho pessoal, um caráter primordial, como se fosse um iniciador: “vamos começar examinando a natureza destas coisas...”. Já escutamos esta proposta em Confúcio e por isto a reconhecemos. Neste cavalheiro diurno há esta energia da geratriz. Talvez seja por isto que o seu trabalho é cândido. Quando somos sábios podemos ser criança novamente. Esta é uma das razões do seu encanto. Ainda que em plena luz, tudo no seu trabalho é tingido levemente por tons de purpura; “... os dedos róseos da Alvorada”. Evocar Homero e Eos, a Deusa do amanhecer, dá uma medida da inocência e do vigor desta obra.

O método da ciência, o padrão ciência, desde a Teoria da Gravidade, era o padrão Newtoniano. Uma experiência, desde que feita nas mesmas condições de experiência anterior, teria sempre o mesmo resultado. O que provaria que as premissas, ou a descrição matemática ou física estavam corretas. Nas mesmas

condições de pressão e temperatura, se obteria o mesmo resultado. Talvez a Física Quântica e o Indeterminismo, de Heisenberg, ofereça uma nova possibilidade fora do padrão newtoniano.

Em Guto Lacaz o padrão de veracidade de sua inventada ciência nada tem a ver com Isaac Newton. Aqui, nas mesmas condições de pressão e temperatura, o resultado viria de acordo com a reação do público. Ele não interfere nos elementos da reação, os elementos da mistura e nem funciona como catalisador, aquele que entra na reação e uma vez ela em curso se retira dela. O público não é um acelerador. O público vem depois, mas o que ele faz diz do quanto de eficácia teve, naquele momento, a proposta do artista. E, com a sua energia acrescenta uma nota à experiência. De repente, há um novo elemento neste teatro, pois a sua energia, compreensão e vontade, altera o desempenho dos executantes, pois são, além de improváveis e inacreditáveis cientistas, atores. E o ator e o teatro é igualmente a arte do público.

O ator italiano Vittorio Gassman, um mais expressivos do século vinte, em 1982, definiu a plasticidade do relacionamento do ator e do público:

“Porque a relação ator-público, contrariamente ao que se pensa, não é apenas de natureza intelectual. É uma relação complexa, que desperta fatalmente até mecanismos de caráter físico.”

“A tensão e a sucessiva libertação de que você fala são semelhantes, num certo sentido, ao inflar-se e ao esvaziar-se de um balão, como diz Wilhelm Reich ao propô-lo como imagem empírica fundamental da sua teoria do orgasmo.”

“O aplauso é sempre o efeito de um mecanismo desse tipo. É um resultado irracional, embora fosse muito mais reconfortante pensar o contrário.”

(Tradução de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini em “Entrevista com o teatro”, de Luciano Lucignani. Edit. Civilização Brasileira)

A grande diferença, na verdade, entre Guto Lacaz e o padrão newtoniano da ciência, é que, no seu caso, seja qual for o resultado, ele sempre estará certo. E, a cada vez, o provável é que o resultado seja um pouco diferente. A cada pessoa, um novo resultado. A cada ser um matiz da realidade. O Cientista Improvável Guto Lacaz acredita que não existam duas pessoas idênticas.

Mesmo que o sistema de inventor de objetos, signos e linguagem de Guto Lacaz, contenha humor, sátira e transbordamento imaginativo sem compromisso com o mundo pragmático, ou por isto mesmo, ele tem um acentuado caráter simbólico. De certa maneira, numa analogia absurda, mas por assemelhar-se no estarem na contracorrente, guardadas as devidas proporções, sempre penso em Guto Lacaz como numa espécie de G.W. von Leibniz.

Leibniz (1646-1716) foi um gênio científico de alta erudição que antecipou a lógica simbólica e, em discussão jurídica com a academia científica inglesa, pois se achava plagiado, argumentou que o tempo, o espaço e o movimento são relativos. Devido a sua teoria sobre o espaço-tempo-movimento, e a sua concepção corpuscular da luz, muitos o consideram pioneiro da Teoria da Relatividade de A. Einstein e da Física Quântica, e fundador da ciência moderna. Pois bem, Leibniz, devido a sua Metafísica do

Otimismo, também é o personagem ridicularizado por Voltaire no seu “Candide”, como o personagem Pangloss, o otimista: “... tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos possíveis”. Voltaire era um prosador brilhante e impecável e o “Candide” discute a presença do mal e da religião, a superioridade do Iluminismo sobre o Medieval e, na época, Leibniz, opositor de Newton, parecia um alvo ideal. Pangloss fez escola, como se pode ver nas obras satíricas como “1984”, de G. Orwell; “Admirável mundo novo”, de A. Huxley e, provavelmente, em “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis. O texto de Voltaire é brilhante, mas o universo contemporâneo consagrou o injustiçado Leibniz como pioneiro da nossa época.

Guto Lacaz é um ficcionista, pois inventou um personagem e é este tipo, esta máscara grega da aparência impassível, que cria. É uma espécie de cientista utópico, de intelectual de cidade do interior, de professor absorto de uma pacata escola de bairro, mestre de matemática elementar, distraído, capaz de dar aula para a turma errada por ter errado de porta. Um professor que fica comovido quando é escolhido pela turma de formatura como o seu paraninfo. Completamente desligado das fofocas de um instituto de porte médio, sem grandes ambições e que deseja simplesmente sobreviver como um instituto de porte médio, em meio à tempestade de novidades que o mundo oferece em termos de tecnologia de comunicação aplicada ao ensino, avanços na área esportiva e de competições de ciências, É este professor que gosta de feira de ciências na escola, que olha com bonomia as invenções e arranjos dos alunos e que, de repente, os surpreendem ao descrever as belezas do universo segundo as últimas revelações da NASA ou que, por um simples pergunta, se deixa levar e descreve o que são os cálculos matemáticos que permitem saber do peso gravitacional da matéria escura. É um tipo folclórico,

quase parte da paisagem, fragmento inseparável do cenário suburbano e que, no entanto, é referência de honestidade, bondade com os alunos e cujas turmas conseguem destaque não só no âmbito doméstico do bairro, mas em algumas competições nacionais. E é simplesmente um homem que acredita na ciência e que é capaz de sonhar com um novos objetos, com cenários simbólicos da incomunicação humana e que, mais que tudo, observa a cosmogonia e o seu funcionamento oculto e cria métodos e sistemas para entender a sua alma.

“Não te espantes quando o mundo amanhecer irreconhecível. Para melhor ou pior, isto acontece muitas vezes por ano.” É o que nos diz Paulo Mendes Campos em uma inesquecível crônica, de 1963, numa carta para uma Maria da Graça nos seus quinze anos, na qual lhe oferece o livro “Alice no país das maravilhas”, como guia da vida e da realidade.

Não sei se “Alice...” é também um guia cotidiano para Guto Lacaz. O que se percebe é que para Guto Lacaz parece que muitas vezes por ano o mundo amanhece irreconhecível. Mas isto não constitui o problema, mas o combustível para emular a solução. Guto lacaz oferece soluções para problemas não percebidos. Há um aspecto cômico nesta equação, uma espécie de piada oculta, paródia da criação: todas as peças desmontadas jazem no chão. Ele remonta e torna as peças soltas novamente em máquina. Mas o que era bicicleta agora é motocicleta.

As palavras em Guto Lacaz são indicativas e parte indissolúvel das obras. Não apenas demonstram a intenção do artista, mas é o verbo integrado.

Torre com bandeira

Crushfixo

Ideias modernas

Alvo

Paisagem

Moderna casa

Nu abstrato

Fusão Preto no Acapulco Drive-in

Óleo Maria a procura da salada.

Copinho de café e lada de refrigerante.

Flipper e eu

homem de saia com cachorro

Garoa modernista

Livros abertos

Rádios pescando

Raio X da Barbie

Irmã

Guto Lacaz: modos de usar. Descrição do Manual de Instruções. Como decifrar e usar Guto Lacaz.

Mago. Mágico. Pop. Lúdico. Louco. Nas nuvens. Mísseis antiacadêmicos. Objetos novos. Objetos inusitados. Novas funções. Singularidade.

Objetos aparentemente inúteis, mas úteis na formação da consciência, no prazer da descoberta, na alegria da novidade, no prazer de uma estada no círculo interior da invenção não pragmática. Não sei se podemos chamar estas invenções de utópicas, uma vez que elas têm um lugar determinado. Elas são e existem num lugar certo, determinado. Elas pertencem a este lugar, a “Terra do Sim”, aquele sítio afirmativo descoberto por Guto Lacaz onde sempre se diz sim, onde tudo é sempre possível. A “Terra do Sim”.

A obra de Guto Lacaz pode se constituir em um mistério, já que ela não se auto explica, ainda que se explicite. E uma vez que ela tem uma natureza ambígua e múltipla, o que possibilita ser percebida como teatro, experimentação, literatura, artes gráficas, artes plásticas, especulação científica. Guto Lacaz é também o mistério. Pois é o artista múltiplo, ficcionista, escritor, pintor, escultor, ator, teatrólogo, poeta, cronista. Vários papéis para um só nome. Ao contrário de Fernando Pessoa que criou nomes diferentes para tipos diferentes de poetas e poesias, ou seja, um poeta para cada personalidade artística, Guto Lacaz criou vários artistas para um só nome, Guto Lacaz.

“Olhe as estrelas”

“Tremei de amor e esperança”

“Mas o meu mistério permanece fechado em mim.”

“Guardi le stelle

Che tremano d’amore e di speranza

Mai l mi mistero é chiuso in me.

Turandot. Giacomo Puccini



E o que se esconde, afinal de contas, em “Turandot”?

A identidade. O nome. A revelação do ser.

O nome, a palavra, sempre foi considerado sagrado, inclinação, destino. Nós conhecemos apenas o nome profano das cidades, Atenas, Esparta, Roma. O nome secreto permitiria perigosos acessos aos inimigos. O nome secreto é a chave do mistério.

O nome de Deus, em algumas religiões, não pode ser pronunciado, pois é a chave do poder. Alguns relatos contam que o nome de Deus, quando pronunciado de trás para diante, traria a reversão do universo, a regressão à mônada primeira.

Também a criação humana tem esta relação xamânica com as palavras e os sons. A suprema criação do homem: um rabino cabalista com a palavra mágica criou do barro um arremedo do homem, o Golem. E com esta mesma palavra, dita ao contrário, retirou a vida do ser que se tornara monstruoso. O homem só pode criar um homem sem alma. E esta lenda judaica é o registro do sonho do homem se tornar um deus, ao criar outros homens. Este foi o tema retomado por Mary Shelley, ao criar o seu Frankenstein. Ou o magnífico livro de Philip K. Dick, “Do Androids Dream of Electric Sheep”, que originou o clássico filme de Ridley Scott, “Blade Runner”. Nele se discute a criação de andróides tão perfeitos que nada o distinguia do ser humano: pele, olhos, memórias implantadas. A única coisa que distinguia o homem do androide é que certas eventos, acontecimentos, ao serem ditas e mencionadas provocavam no humano a sensação de horror e isto poderia ser surpreendido na dilatação da pupila. No androide não havia esta reação emocional. Sempre se discute, e hoje mais do que nunca, o que é ser humano?

Por que este assunto nos interessa? Por que em todos eles, ou nele, o que se discute é a natureza do ser humano, o que a constitui. O tema é a identidade do ser humano.

“Chega mais perto e contempla as palavras.”

“Cada uma”

“Tem mil faces secretas sob a face neutra.”

Carlos Drummond de Andrade

Guto Lacaz provoca nas pessoas receptivas um vago estado onírico. Ele impregna as pessoas de um clima poético. De maneira bem determinada ele faz emergir o que as pessoas têm de oculto, a sensação de que são especiais, de que estão num universo amável e brincalhão, a emoção de estar no campo, os cabelos desarrumados pelo vento que vem das montanhas, a delicadeza do odor de comida étnica.

E este bem estar sem qualquer preocupação, sem perigo, pois continuam em sua cidade e, neste exato momento, estão num local protegido e veem obras curiosas e inusitadas ou, diante de si, um homem estranho, sério e, talvez, conforme o olhar, engraçado, produz com naturalidade vários tipos de encantamentos. Um homem de cabelos ralos, sereno, imerso na sua atividade, com um aspecto curioso e apaziguador, pois parece inteligente e compassivo. Uma combinação insuperável.

A suspeita das grandes narrativas. O foco nos pequenos fatos, nas histórias simples. Não se trata do gênero conto versus o gênero romance, analogia comum, mas do registro de uma ideia, como se fosse um fotografia. No caso de Guto Lacaz, esta

narrativa ou descrição curta não tem uma fisionomia folhetinesca, mas um caráter seguidamente de “non sense”, de atos surreais e absurdos, de negação da lógica da existência convencional, de negação do cartesianismo, de substituição da ação comum e diária. Abro a torneira para encher o bule e fazer chá...

E qual é a afirmação?

A lógica fora da lógica. A lógica além e aquém da lógica. O prazer lúdico de conformar o mundo de Deus e de refazer o mundo dos homens segundo o olhar primevo, inocente e infantil.

O modo onírico de tudo perceber e ser. A certeza de que a arte só existe no reino do símbolo.

(Frases destacadas)

1.

A inteligência de seu trabalho se beneficia da clareza. O mistério não está, neste caso, na obscuridade, mas no sentido oculto de cada aparência, Guto Lacaz é o homem do propósito, da intenção, da obra com norte.

2.

A cada vez, em cada trabalho, tudo está em jogo novamente. É sempre a primeira vez. O salto é sempre mortal. O perigo que Guto Lacaz corre é o da insignificância, da monotonia, da tolice, da mendacidade. Ele pode se tornar o bobo da aldeia. Mas a vitória sobre si mesmo e a simplicidade o tornou o sábio da montanha.

3.

O enigma deste artista que trabalha entre a alva e o crepúsculo, um homem da consciência explícita, consiste em que tudo está indiciado e indicado no seu trabalho, nada está mascarado e, no entanto, a obra se desdobra em novos significados a cada vez que é observada. Ela se revela, mas não se desvela.

4.

De repente, há um novo elemento neste teatro, pois a sua energia, compreensão e vontade, altera o desempenho dos executantes, pois são, além de improváveis e inacreditáveis cientistas, atores. E o ator e o teatro é igualmente a arte do público.

5.

Mesmo que o sistema de inventor de objetos, signos e linguagem de Guto Lacaz, contenha humor, sátira e transbordamento imaginativo sem compromisso com o mundo pragmático, ou por isto mesmo, ele tem um acentuado caráter simbólico.

6.

Guto Lacaz é um ficcionista, pois inventou um personagem e é este tipo, esta máscara grega da aparência impassível, que cria. É uma espécie de cientista utópico.

7.

Guto lacaz oferece soluções para problemas não percebidos. Há um aspecto cômico nesta equação, uma espécie de piada oculta, paródia da criação: todas as peças desmontadas jazem no chão. Ele remonta e torna as peças soltas novamente em máquina. Mas o que era bicicleta agora é motocicleta.

8.

Ao contrário de Fernando Pessoa que criou nomes diferentes para tipos diferentes de poetas e poesias, ou seja, um poeta para cada personalidade artística, Guto Lacaz criou vários artistas para um só nome, Guto Lacaz.

9.

O modo onírico de tudo perceber e ser. A certeza de que a arte só existe no reino do símbolo.

10.

Não sei se podemos chamar estas invenções de utópicas, uma vez que elas têm um lugar determinado. Elas são e existem num lugar certo, determinado. Elas pertencem a este lugar, a “Terra do Sim”, aquele sítio afirmativo descoberto por Guto Lacaz onde sempre se diz sim, onde tudo é sempre possível. A “Terra do Sim”.

